

O PROCESSO DE FORMULAÇÃO DE REGISTROS DE CONHECIMENTO E AS DIFICULDADES DA DESCRIÇÃO DOCUMENTAL

SOUSA, Aryelli Sterphani Costa de¹
SANTOS, Thais Helen do Nascimento²

Resumo: Esta pesquisa se propõe a analisar as dificuldades de constituição da descrição documental como representação da informação, desde a produção dos registros de conhecimento à recuperação desta informação. Não procuramos dar soluções imediatas, tão pouco propor regras, mas devido à descrição documental ser imprescindível para os centros de documentação, arquivos, bibliotecas e etc., procuramos formular uma conscientização da responsabilidade da constituição da descrição documental. Ressaltamos a sua importância de desenvolver métodos para cada vez mais minimizar os erros da descrição, facilitando assim o acesso à informação. Remetemo-nos ao processo pelo qual surge o registro de conhecimento, ao processo de recuperação dessas informações, e analisamos as dificuldades ocorridas na etapa de armazenamento nos centros de documentação, arquivos, bibliotecas e etc., para fins de recuperação da informação. Essas dificuldades revelaram algumas soluções para seus problemas como: a linguagem clara e objetiva e a interpretação profunda dos documentos. Como fundamentação, teórica baseamo-nos na teoria cognitiva e em conceitos como ontologia e hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Ontologia. Representação da Informação. Epistemologia.

¹ Discente de Arquivologia. E-mail: aryelliarq@hotmail.com

² Discente de Arquivologia. E-mail: thais.helen@click21.com.br

1. DESCRIÇÃO DOCUMENTAL: ASPECTOS GERAIS

O alicerce de um arquivo, centro de documentação, biblioteca, etc., é deixar a disposição às informações contidas nos seus acervos para quem as necessitem. Por isso a importância da descrição documental, pois esta garante a compreensão ampla do conteúdo de um acervo, possibilitando tanto o conhecimento como a localização dos documentos que os integram; sendo então os arquivos munidos de instrumentos de pesquisa para facilitar a recuperação das informações, proporcionando assim uma boa e satisfatória pesquisa.

Sabendo da importância da descrição documental vamos analisar a sua constituição como representação da informação inerente nestas várias dificuldades de formulação.

A necessidade da representação se dá pelo fato do homem recuperar informações imprescindíveis para seu desenvolvimento, sendo a representação da informação um processo que passa por etapas como a produção dos registros de documentos na organização dos sistemas de informações documentais e no acesso destas informações pelo usuário. Neste trabalho vamos observar a cognição como base na produção dos registros de conhecimento, e como os filósofos Descartes, Locke e Kant analisavam essa área do conhecimento; a constituição da representação nas etapas de representação primária e a ontologia, a representação secundária e a epistemologia; a formação de conceitos base para a produção do conhecimento e as dificuldades na descrição e como minimiza-las.

2. A COGNIÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DOS FILÓSOFOS

Analisando a cognição vemos a sua significação no dicionário Aurélio: 1. ato de conhecer; 2. conhecimento, percepção. A interligação com a representação que é “ato de colocar algo no lugar de”, e este ato só será efetivado a partir do conhecimento do ser observado, por isso a total influência da cognição, sendo esta inerente ao conhecimento humano interfere na representação da informação desde a constituição do que vai ser representado à armazenagem e recuperação da informação.

Não é recente a preocupação com essa área do conhecimento, pois desde a era Clássica com os gregos que vemos tais indagações (relacionadas à cognição). De acordo com “Capurro, os seres humanos são conhecedores e observadores da realidade externa. O processo de conhecimento consistiria na assimilação de coisas por meio de suas representações na mente/cérebro do sujeito cognoscente” (ALVARENGA, 2003). Por isso vamos observar as contribuições de importantes filósofos; sabendo que a cognição está mais presente na representação primária onde inclui nesta etapa a percepção, identificação, ou seja, a produção do objeto a ser representado. Descartes analisa a mente como fundamental para existência humana, basicamente confiável:

(...) a mente fica separada do corpo humano e opera independentemente dele, é uma espécie de entidade totalmente diferente. O corpo é mais bem concebido como um autônomo que pode ser comparado às máquinas feitas pelo homem. Ele é divisível em partes, e elementos poderiam ser removidos sem alterar nada de essencial (GARDNER, 2003, p.65).

Descartes estava consciente de que a postulação de duas entidades distintas – uma mente racional e um corpo mecânico – tornava implausível qualquer explicação de sua interação. Descartes como Platão adotou o pólo racionalista (característica do conhecimento inato ao ser), por isso foi severamente criticado pelos empiristas Locke, Berkeley, Hume, entre outros.

Observando as formulações de Descartes, vemos que são as premissas para o pensamento hoje existente, são paradigmas já ultrapassados, pois já não respondiam as necessidades das épocas seguintes, mas são considerados clássicos, pois estas obras são as bases de análise para a constituição dos pensamentos contemporâneos.

Locke começou questionando se podemos aceitar qualquer conhecimento com base na evidência introspectiva, em lugar disto, ele via a experiência como a única fonte confiável de conhecimento. Ele acusou a crença em idéias inatas de ser inútil e enganadora (defendida por Platão e Descartes). “O conhecimento da existência de qualquer outra coisa nós só podemos ter pela sensação”.(séc. XVII), declarou ele. Locke questiona o pensamento de Descartes, pois está em uma era que predominava o

empirismo e na visão do conhecimento inato do homem defendido por Descartes, esta não era de confiança, pois tudo seria provado através do mundo tangível e material, ou seja, da experiência.

Kant ao final do século XVIII encontrava-se diante de alternativas rivais: uma delas defendida pelos empiristas britânicos, via o pensamento como um mero instrumento para refletir ou elaborar a experiência mundana; a outra, sustentada por Descartes, Leibniz e outros da tradição continental, salientavam a competência universal do pensamento como organizador e revelador de todas as possibilidades.

Em sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant procurou sintetizar estes pontos de vista: racionalista e empirista. No que foi provavelmente o passo crucial deste processo, Kant teve de entender o que permite à mente apreender a experiência da forma de que ela o faz, e produzir conhecimento necessário. Ao analisar o que ele chamou de sintético *a priori*, Kant teve que mostrar como o conhecimento começa com a experiência (não sendo, portanto puramente posteriori) e, no entanto não se originou ou provém dela.

Observando esses grandes filósofos vemos que as suas contribuições foram totalmente relevantes para a ciência cognitiva; mas sabemos que nenhum ser humano tem a verdade absoluta e sabemos também que por se tratar de ciência, suas formulações, paradigmas e etc. podem ser discutidos e se tornarem inaceitáveis para a comunidade científica ao decorrer do tempo. Remetendo-se à análise da cognição, vimos que ela é a porta de entrada para as indagações sobre o mundo.

3. O CONCEITO

Conceito é a unidade de conhecimento referente ao ser percebido, componente essencial do conhecimento a ser representado (ALVARENGA, 2003).

O interagir com o meio no qual o sujeito se encontra inserido geram-se necessidades de produção e formulações de conceitos, que será baseado em associações de diferenças e similitudes, dois exemplos bem claros: a seda é macia e o pêlo do gato também; a pedra é áspera, não parece com a seda e nem com o pêlo do gato.

A percepção, classificação e criação de conhecimentos sobre os seres constituem-se em prerrogativas essenciais da racionalidade humana, identificando-se nesse trajeto processos cognitivos básicos, tais como o levantamento das características do ser percebido e a comparação entre estas e as identificadas nos seres já conhecidos, caracterizando-se essas ocorrências com processos classificatório-cognitivos. Os registros que materializavam os conhecimentos vêm sendo gravados, utilizando-se da

enorme gama de suportes físicos que se tornaram disponíveis, ao longo da evolução cultural do homem que se estende dos desenhos encontrados nas cavernas aos registros digitais dos nossos dias.

3.1. ONTOLOGIA

Os seres em que nos debruçamos a analisar, a formar conceitos, os expostos ao processo de conhecimento, ou seja, os seres sobre o qual nos indagamos, pensamos e refletimos, sobre os quais formamos conceitos, integram a essência do campo filosófico da ontologia.

Ontologia: universo de todos os seres concretos e abstratos existentes. Esse processo se dá na interação com os objetos adjacentes e os metafísicos por meio da representação no nosso cérebro, a codificação do exposto.

A representação compreende em ambos os casos, um processo cognitivo. Destaca-se como uma instância do processo cognitivo humano aquela que culmina com a representação primária do conhecimento, situando no âmbito do registro do pensamento em que suporte documental, incluindo as etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação, etapas que são envolvidas no ato de se conhecer um novo ser ou coisa, ou aprofundar-se no conhecimento de um ser ou uma coisa já conhecida, utilizando-se dos sentidos, da emoção, da razão e da linguagem. Os seres expostos ao processo de conhecimento, ou seja, os seres sobre os quais se pensa, sobre os quais se enuncia e sobre os quais se constrói um conceito, integram a essência de um campo que os filósofos denominam de *ontologia*: universo de todos os seres concretos e abstratos existentes (ALVARENGA, 2003).

3.2. EPISTEMOLOGIA

O processo de produção dos registros de conhecimento compreende a etapa de representação do objeto, gerando-se em decorrência do produto final um conhecimento do objeto. A sistematização do conhecimento do objeto denomina-se epistemologia, sendo esta tradicionalmente considerada o ramo da filosofia devotado ao estudo dos processos do conhecimento humano, sua lógica, origens e princípios.

No processo de tratamento ou processamento dos registros de conhecimentos para fins de armazenagem nos sistemas de informação, é requerido um novo estágio de representação, desta vez partindo-se não do ser ontológico em si, mas do conhecimento sobre o ser expresso em documentos, esta seria uma representação secundária. Nesse sentido, a representação secundária teria por objeto prioritário não o acervo ontológico, das coisas e seres, objetos da epistemologia. Neste estágio a representação da informação será a representação do conhecimento, deste modo vemos que a representação secundária, prática essencial nos sistemas de informações documentais é a definição

sucinta sobre os conceitos dos registros primários, escolhendo pontos de acesso fundamentais que garantem a recuperação segura da informação (ALVARENGA, 2003).

A construção de catálogos, guias, inventários, etc., envolve a interpretação do documento original a ser incluído no sistema de recuperação da informação, sua descrição como um objeto, sua origem e condensação de seu conteúdo a partir dos conceitos neles contidos, procurando contemplar de forma mais perfeita possível a sua essência conceitual. Esses instrumentos de pesquisa são a chave de entrada do acervo documental, por isso a necessidade de elaborar métodos para a otimização do acesso a informação.

3.3. ASSOCIANDO A ONTOLOGIA E A EPISTEMOLOGIA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Observando a ontologia, ela é a produção do conhecimento do ser observado, é debruçar sobre o objeto, é analisar, é indagar e refletir, produzindo assim um todo em um suporte.

A epistemologia seria a sistematização do todo produzido, é a representação dos registros de conhecimento, ou seja, é a essência do conhecimento produzido pela ontologia.

Por isso a ontologia está na representação primária, ou seja, representação feita pelos autores derivados de observações e análises através de uma linguagem, e a epistemologia está na representação secundária, pois se baseia no estudo e representação do conhecimento, expressa na representação primária.

3.4. A FORMULAÇÃO DO NÍVEL PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O nível primário da representação é realizado pelos autores no momento da busca de resultados para seus pensamentos e indagações, estes derivados de observações metódicas da natureza e dos fatos sociais, utilizando-se das linguagens disponíveis no contexto da produção e comunicação de conhecimentos. Após a produção esses vão integrar acervos de arquivos, e para que isso aconteça temos que inserí-los em representações para que possam integrar nas etapas de produção, desenvolvimento, manutenção e recuperação da informação, sempre buscando o acesso imediato e sem erros desta informação, essa é a representação secundária.

A representação compreende em ambos os casos um processo cognitivo, a representação primária como a secundária culminam em situar em um suporte dado registro de pensamento, para isso inclui a percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação, utilizando-se os sentidos (percepção), da emoção, da razão e da linguagem.

4. DUAS DAS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS SISTEMAS DE RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO (SRI): A INTERPRETAÇÃO E A LINGUAGEM

Uma das grandes dificuldades que vem sendo ressaltada nos processos de recepção e tratamento do conhecimento, para fins de preservação e acesso, constitui-se no fato de que as tentativas de se classificar seres coisas e textos que sobre esses são produzidos, revestem-se a priori sem conhecimento de causa da constatação de que deles podem ser visto explicitamente. As coisas e conhecimento poderão vir a ser devidamente compreendidos a partir da atitude filosófica de compreender, que segundo Paul Ricoeur, significa o ato da interpretação criadora do sentido. A esse problema acresce-se a situação delicada e complexa de intermediação em que se colocam os profissionais da informação como mediadores entre esta e seus usuários (ALVARENGA, 2003).

Assim sendo, percebemos que o profissional que trata da informação precisa analisar a fundo os documentos, não podendo classificá-los superficialmente por títulos ou tópicos, tendo este um compromisso direto com as pessoas que necessitam desta informação.

Mencionar a linguagem neste contexto é imprescindível para conseguir ter os objetivos precisos na recuperação da informação, a linguagem tem que ser objetiva, direta, sem duplos sentidos, ou seja, os termos determinados para a recuperação da informação precisam ser estritamente monossêmicos.

5. A HERMENÊUTICA COMO CONTRIBUIÇÃO

O termo hermenêutica provém do verbo grego *hermêneucin* e significa declarar, anunciar, interpretar, esclarecer e por último traduzir. Significa que alguma coisa é tornada compreensível ou levada à compreensão.

Filosoficamente tem-se que o termo deriva do nome Hermes, que na mitologia grega é um deus. O certo é que esse termo originalmente exprimia a compreensão e a exposição de uma sentença “dos deuses”, a qual precisa de uma interpretação para ser compreendida corretamente.

Outros dizem que o termo hermenêutica deriva do grego *ermêneutike* que significa: ciência técnica que tem por objetivo a interpretação de textos religiosos e/ou filosóficos, especialmente das sagradas escrituras, sendo esta área do conhecimento que interpreta o sentido das palavras dos textos; teoria, ciência voltada à interpretação dos signos de seu valor simbólico.

A preocupação de compreender os textos não é recente, vemos que desde a Antigüidade isto vem se perpetuando. Não diferente vemos na contemporaneidade essa necessidade principalmente no que se refere aos profissionais da informação.

Sendo a hermenêutica a arte da compreensão, a filosofia de interpretar, de apreender o conhecimento analisado, percebemos esta como uma das soluções para a descrição documental; conscientizando os profissionais da informação a não se limitar com títulos, tópicos e subtópicos, e sim procurar a essência documental, compreendendo ao máximo seus conteúdos, para assim minimizar as dificuldades da descrição documental.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o que foi exposto, algumas conclusões já foram dadas para minimizar as dificuldades da descrição: como a interpretação e a análise profunda dos documentos, contemplando sempre a essência conceitual dos documentos, e como profissionais da informação saber extrair os assuntos relevantes que estão contidos nos documentos.

É importante abordar a responsabilidade do profissional que trata com a informação, pois os seus comprometimentos são vários e imprescindíveis para a sociedade, citando aqui o comprometimento ontológico de focar certos assuntos em detrimento de outros. Sendo a representação da informação um raciocínio sobre o mundo, com seus aspectos de estruturação, dizendo respeito à identidade projetada que deve haver correspondência específica entre o substituto e seu referente planejado no mundo e a segunda a fidelidade, mas sabemos que o homem é um ser subjetivo e é impossível representar a realidade sem distorções, mas tentando chegar ao mínimo possível dessas. Com isso vemos que a representação da informação é uma aproximação imperfeita da realidade que quando selecionamos uma representação, estamos tomando decisões de como ver e o que ver do mundo, esse compromisso determina o que pode ser visto em detrimento do que poderia ser visto, sendo um efeito colateral e focalizador, já que a complexidade do mundo é bastante ampla.

Para finalizar esse trabalho, queremos focar a importância do arquivista, não sendo ele um mero técnico mais sim um cientista comprometido com a história e a memória de nações; o mesmo define o que deve perpetuar pelos tempos e o que deve ser esquecido, por isso esse profissional deve estar muito

bem preparado conhecendo assim várias correntes ideológicas, tendo a compreensão de saberes imprescindíveis como a sociologia, filosofia, antropologia, história, entre outros.

7. REFERÊNCIAS

- ◆ ALVARENGA, Lídia. **Representação do conhecimento da perspectiva a ciência da informação em tempo e espaços digitais**, Florianópolis, Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., 2003 p.23.
- ◆ GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**, 3 ed, São Paulo, Edusp, 2003, p. 456.
- ◆ LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**, Como fazer vol. 6, São Paulo, Arquivo do estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 60.
- ◆ Pesquisa na web. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermen%C3%AAutica>, acessado no dia 29 de outubro de 2007.